

**MY LAST YEAR AS A STUDENT: MUSIC AS AN ENGLISH LANGUAGE TEACHING
AND LEARNING STRATEGY**

Michele Cruz Santos de SANTANA (Graduada – UFS)
Maria Augusta Rocha PORTO (Doutora – UFS)

Resumo: A música é utilizada como estratégia de ensino-aprendizagem de línguas desde a Idade Média, mais precisamente, entre 476 d.C. a 1453 (GOBBI, 2001). No entanto, as portas das salas de aula de Língua Inglesa se abriram oficialmente para ela a partir dos anos 1960, por meio da introdução do método *Suggestopedia*. A partir deste, outros métodos se apropriaram da canção como forma de aprendizado de Línguas Estrangeiras, estando presente no decorrer da história até a atualidade, caracterizada como Era Pós-Método (OLIVEIRA, Luciano, 2014). Como efeito, o presente trabalho busca abordar de maneira central as potencialidades que a música tem enquanto recurso significativo para ensinar a língua-alvo. Primeiramente, enfatiza a utilização da canção como material capaz de motivar a aprendizagem de crianças, adolescentes, adultos e idosos. Em seguida, a música é destacada como forma de reflexão de aspectos sociais e culturais. Defende, ainda, que a canção pode ser trabalhada de maneira semelhante ao poema, além de possibilitar o desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, embasada em revisão de literaturas que abordam a temática proposta. Como resultado, esta investigação atesta que é possível integrar, através da música, cultura e literatura nas aulas de inglês.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, cultura, literatura, música, recurso metodológico

Introdução

De acordo com o dicionário de inglês da Oxford (2012), a palavra *music* significa “a arte de combinar os sons de uma voz ou instrumento de uma maneira agradável” (tradução nossa). Sabemos que a música nos acompanha durante o ritmo da vida, marca a nossa história e deleita o coração de crianças, adolescentes, adultos e idosos. Ainda mais, usada de forma crítica e reflexiva por um professor de línguas, ela é capaz de facilitar a aprendizagem de uma língua estrangeira por parte de seus aprendizes. Então, resta-nos uma pergunta: Por que não levar para a sala de aula esse instrumento de ensino-aprendizagem tão valioso?

A música é utilizada como estratégia de aprendizagem de línguas desde a Idade Média (476 d.C. a 1453). No entanto, os gregos já faziam uso dela com o objetivo de instruir a sociedade no teatro. Os estudos acerca do uso da música na aprendizagem de línguas somente

iniciaram a partir do século XX. Com o passar do tempo têm se atualizado, mostrando-nos as vantagens de ensinar e aprender língua estrangeira, em especial língua inglesa, por meio da canção (GOBBI, 2001, p. 27-28).

Quando inserimos música nas aulas de língua inglesa, o processo de ensino-aprendizagem se torna prazeroso, pois ela é um material autêntico que une o espaço da classe ao mundo exterior, isto é, à realidade do estudante. Além disso, a canção pode ser trabalhada de forma semelhante aos versos de uma poesia, já que ambas possuem rima, ritmo e são de fácil memorização. Diferenciam-se, somente, em relação à melodia, característica exclusiva da música (HOLDEN; ROGERS, 2001, p. 83).

O ensino de Língua Inglesa deve ir além da prática das habilidades e competências previstas no currículo tradicional e inserir questões éticas, políticas, ideológicas, etc. e a diversidade cultural presente entre os falantes de Língua Inglesa. Assim, o uso de canções em sala de aula deve priorizar a divulgação de aspectos culturais encontrados entre os falantes da língua-alvo e, em seguida, proporcionar aos estudantes a prática das quatro habilidades comunicativas de aprendizagem: ouvir (*listening*), falar (*speaking*), ler (*reading*) e escrever (*writing*) (LIMA, 2004, p. 190).

Este estudo, então, configura-se em uma pesquisa qualitativa. Embasado em revisão de literaturas que abordam a temática proposta, referencia-se teoricamente em concepções defendidas por autores como Silva (2016), Kawachi (2008), Lima (2004) e Gobbi (2001) e por documentos nacionais que orientam professores para o ensino de Língua Estrangeira, como PCN (1998), OCEM (2006) e BNCC (2017).

Como resultado, por meio do presente trabalho, constatou-se que a música pode ser utilizada de maneira efetiva no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa com a finalidade de formar cidadãos mais críticos e melhor preparados para viver em uma sociedade plural, isto é, com diversas culturas convivendo juntas.

Assim, este trabalho contribui para a formação acadêmica de graduandos em Letras Português-Inglês ou Letras Inglês e continuada de professores de inglês que querem exercer a prática docente significativamente e de uma forma diferente da tradicional, preocupando-se

sempre com a aprendizagem dos seus educandos.

Música enquanto estratégia motivadora de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa

A motivação é um dos fatores responsáveis pelo envolvimento do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem de uma Língua Estrangeira. Porém, é papel do docente despertar o interesse do discente para aprendizagem, por meio do bom relacionamento com a turma, do planejamento das atividades de acordo com o nível dela e da promoção de um ambiente agradável e descontraído em sala de aula. Este último aspecto é essencial para diminuir a ansiedade dos estudantes e torná-los receptivos à aquisição da língua (KAWACHI, 2008, p. 39).

O método precursor de ensino de línguas que se baseou na busca pela extinção das barreiras psicológicas dos alunos para o aprendizado é conhecido como *Suggestopedia* (*Reservopedia*) e foi criado pelo psicólogo e educador Georgi Lozanov, nos anos 1960. De acordo com esse pesquisador, o professor é o facilitador da aprendizagem e tem o dever de criar uma atmosfera confortável e agradável em classe a fim de que se reduza a tensão dos alunos e faça-os perder o medo de errar. Nesse sentido, o relaxamento é promovido através da utilização de música clássica durante a aula (OLIVEIRA, Luciano, 2014, p. 112-116).

Entre os anos 1880 e 1980 (um século), a profissão de ensino de Línguas Estrangeiras foi direcionada para a busca do método ideal para todos os contextos, de modo que vários métodos foram criados sucessivamente e, em seguida, descartados quando um novo surgia. No entanto, a partir do final dos anos 1980, após profícuas pesquisas a respeito do ensino-aprendizagem de línguas, foi constatado que o professor não deve seguir uma fórmula predeterminada de ensino, mas ser capacitado para diagnosticar as necessidades dos alunos de sua classe, tratá-las com técnicas pedagógicas bem-sucedidas e avaliar o resultado desses tratamentos. O ensino deve, portanto, ser visto como algo dinâmico, ou seja, que muda de acordo com a contínua experiência em sala de aula. Essa atitude profissional é o marco da Era Pós-Método (BROWN, 2002, p. 9-11).

Como efeito, o docente é apto para adotar técnicas, atividades e princípios teóricos de

métodos variados sem se comprometer com nenhum deles, com o único objetivo de facilitar a aprendizagem do estudante no contexto em que estiver inserido. Há o surgimento, portanto, do método eclético (OLIVEIRA, Luciano, 2014, p. 197).

Um fator importante que precisa ser levado em consideração no ambiente de ensino é a observação. O educador deve ser capaz de observar como os educandos interagem com a Língua Inglesa no dia-a-dia através da mídia, da tecnologia e dos jogos. Aquele que é tido como desinteressado em classe participa de alguma comunidade fora da escola em que a língua-alvo está presente. Dessa maneira, os interesses dos alunos podem ser trazidos para a aula com o intuito de despertar a motivação para a aprendizagem do idioma (DONNINI; PLATERO; WEIGEL, 2010, p. 41). É necessário que o aluno saiba como a língua é realmente usada fora da classe, para que ele não se veja como possuidor de um conhecimento inútil por não saber transferir para o mundo real aquilo que aprendeu na escola (LEFFA, 2007, p. 26-27).

Em alguns casos, os discentes têm desmotivação para aprender a língua inglesa por não serem conscientizados em relação à influência dela nos dias atuais. Frente a esse impasse, o professor deve levar para a sala de aula técnicas de ensino baseadas em aspectos do dia-a-dia em que o idioma esteja presente. Por exemplo, propagandas de televisão, filmes, músicas, etc. Dessa forma, o ensino dos conteúdos estará relacionado à realidade dos estudantes, fato que os incentivará a aprendê-los (KAWACHI, 2008, p. 41-42).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) afirma que os professores devem ensinar a língua inglesa “em uso” e “para o uso”. Em outras palavras, é necessário que o docente utilize recursos midiáticos que apresentem a língua-alvo em uso a fim de que os estudantes compreendam que ela está inserida no cotidiano da vida deles e, assim, saibam utilizá-la nos contextos em que estiver inclusa.

Em relação ao ensino de língua inglesa para adolescentes, a professora Edcleia Aparecida Basso relata:

Uma atividade que merece destaque foi a realizada com música. [...] o fator que move as aulas com adolescentes é a motivação [...]. Parece que, embora tenham crises de afastamento e rejeição por tudo e todos, os adolescentes

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

preferem aulas divertidas, animadas, alegres, que saiam da rotina, que incentivem a participação deles, ao invés de aulas monótonas e presas ao livro didático. (ROCHA; BASSO, 2008, p. 137-138)

É relevante destacar que o processo de aprendizagem é contínuo, isto é, perdura por toda a vida. Partindo dessa premissa, o público envelhescente (de 45 a 59 anos) e da terceira idade (60 anos em diante) também está incluso no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira por meio da música. Vale ressaltar que a inclusão de aprendizes dessa faixa etária na sala de aula de língua inglesa, em especial, traz outras vantagens além da simples obtenção de um certificado ou diploma fornecido por um curso livre de idiomas. A socialização em classe e a desconstrução dos estereótipos negativos acerca desta fase da vida são alguns benefícios que podem ser citados através do ensino de línguas para esses estudantes, particularmente (PORTO, 2018, p. 16-17).

Ademais, o educador precisa utilizar estratégias que estimulem diferentes linguagens em classe. Os discentes devem ser vistos como possuidores de diferentes inteligências que devem ser aguçadas por meio de atividades diferenciadas. A inteligência musical é uma delas. Esta é a que mais precocemente se desenvolve no ser humano e acompanha todos os níveis de escolaridade e todas as disciplinas curriculares (ANTUNES, 2001, p. 15 e 25).

Por fim, visto que a língua inglesa é obrigatória no currículo escolar a partir do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, por meio da aprovação da Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, o docente é um dos principais responsáveis por motivar o discente para a aprendizagem da matéria escolar e apresentar a relevância desta para a sociedade multicultural e globalizada em que está inserido (FONSECA, 2018, p. 6).

Música enquanto estratégia de reflexão de aspectos sociais, culturais, políticos e ideológicos

O educador deve proporcionar o desenvolvimento da dimensão intercultural durante as aulas de Língua Estrangeira uma vez que esta capacita o discente a ter um contato respeitoso com outras culturas, impedindo-o de formular estereótipos culturais. Mais ainda, ajuda-o a

desenvolver a competência linguística (necessária para escrever e falar na língua-alvo de acordo com o contexto) e intercultural dele (importante para a interação com pessoas de diferentes culturas, enxergando-as como seres humanos com múltiplas identidades e com própria individualidade, não relacionadas ao país de origem) (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002, p. 9-10).

Partindo dessa visão, é essencial que haja mudança em relação ao ensino-aprendizagem de língua inglesa. É imprescindível que exista a união entre os assuntos gramaticais e os valores sociais, culturais, políticos e ideológicos que a língua traz em sua bagagem. O objetivo dessa abordagem é a formação de cidadãos capazes de compreender e transformar a realidade que os cercam. Assim sendo, o ensino precisa estar voltado à reflexão e à criticidade (PEREIRA, 2015, p. 22-23).

Deve-se enfatizar que é papel do docente conscientizar seus alunos que, através do aprendizado da língua estrangeira, eles terão acesso a um mundo multicultural, ou seja, com diferentes culturas convivendo juntas. A língua inglesa, nesse contexto, deve ser vista como instrumento internacional de comunicação, não pertencente somente aos norte-americanos e britânicos (LIMA, 2004, p. 183).

A língua-alvo é internacional por desempenhar um papel especial em relação às demais: devido à existência de um grande número de falantes em todo o mundo, ela serve como meio de comunicação entre pessoas de países diferentes. Como resultado, é possível adquirir por meio dela maior conhecimento a respeito de culturas diferentes que se manifestam e se tornam conhecidas a partir desse processo de globalização (DONNINI; PLATERO; WEIGEL, 2010, p. 9).

É preciso salientar que a maioria dos livros didáticos não aborda de maneira satisfatória a cultura dos países falantes da língua inglesa e, quando o fazem, ressaltam somente aquela proveniente dos Estados Unidos e da Inglaterra. Ademais, é dada mais importância ao ensino dos aspectos linguísticos, quando a união entre este e os aspectos sociolinguísticos e culturais são cruciais para um melhor entendimento e aceitação de determinada cultura de língua estrangeira (LIMA, 2009, p. 185).

Assim sendo, o educador precisa levar para a sala de aula materiais autênticos, como desenhos animados, fotografias, filmes e músicas, porque estes podem promover diferentes pontos de vista sobre a perspectiva intercultural. O professor deve lidar com o processo de comparação entre um ou outro material e estar preocupado com os aspectos culturais ali presentes e não com a informação superficial por eles propagada. Além disso, materiais de diferentes origens discutidos em classe aumentam a criticidade do aluno, já que o aprendiz encontra as próprias conclusões em relação ao assunto abordado (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002, p. 23).

A música recebe destaque enquanto material autêntico que veicula valores estéticos, ideológicos, morais, religiosos, linguísticos, etc. A canção desempenha um papel essencial por mostrar a diversidade cultural dos povos de língua inglesa. Exemplifica-se esse aspecto quando são utilizadas em sala de aula músicas em Inglês australiano, jamaicano, indiano, etc., desconstruindo o estereótipo de que o idioma pertence somente ao falante britânico ou norte-americano (LIMA, 2004, p. 182-183).

Quanto ao aspecto educacional do ensino de Línguas Estrangeiras relacionado à reflexão de aspectos sociais, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) (BRASIL, 2006) apontam que as aulas de LE devem proporcionar ao aluno o desenvolvimento do senso de cidadania. Este consiste na compreensão acerca da posição que o estudante ocupa na sociedade e na escolha em permanecer nela ou em querer modificá-la. Para tanto, é necessário que o professor disponha de textos que levem o aluno a refletir acerca da realidade e, conseqüentemente, construa sentidos a partir deles.

Do mesmo modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998) orientam docentes para que formem discentes capazes de compreender o que é cidadania, de saber questionar a realidade e de perceber-se como agentes transformadores dela. Por essa razão, propõem que os conteúdos estejam baseados no uso da linguagem e na construção de significados. Entre os assuntos, os PCN citam a utilização de textos que fazem parte do dia-a-dia do estudante, como pequenas histórias, anúncios, textos publicitários e canções em sala de aula.

Para que tais objetivos sejam cumpridos, é importante que o educador compreenda que a língua tem um papel libertador e que, através do letramento crítico, o aluno é capaz de transformar a si mesmo e a sociedade a sua volta, tornando-se um cidadão consciente. Ele é resultado da crítica aos significados do discurso e, por conseguinte, da produção do próprio discurso. Por essa razão, é imprescindível que se leve para a sala de aula vídeos, músicas ou cenas de filmes que tratam de temáticas relevantes para a formação do discente com o propósito de que estas sejam discutidas e problematizadas mutuamente (MATTOS; VALÉRIO, 2010, p. 139).

Em uma palavra, os professores não devem ser vistos como transmissores passivos de conhecimento recebido, mas como seres capazes de refletir criticamente acerca de sua prática em sala de aula, pois ensinar não é seguir procedimentos predeterminados, mas ter uma ação sensível de acordo com o contexto escolar no qual se está inserido (KUMARAVADIVELU, 2003, p. 10).

Música e literatura enquanto estratégias autênticas para o ensino de língua inglesa

Há grande diferença entre texto autêntico e texto pedagógico. O primeiro é originalmente produzido sem a intenção de ensinar a língua, ao contrário do segundo. Há a presença dos dois tipos de texto em livros didáticos. Porém, o ensino baseado somente em textos pedagógicos desvincula a aprendizagem dos usos reais da língua-alvo. Assim, os professores devem escolher textos autênticos, pois estes permitem explorar tanto a forma (léxico, sintaxe, fonologia) quanto os usos reais da língua-alvo de forma contextualizada, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais rico e aprofundado. São exemplos desse tipo de texto: músicas, trechos de filmes, poemas, charges, histórias em quadrinhos, textos encontrados em jornais e revistas (anúncios, notícias), entre outros (DONNINI; PLATERO; WEIGEL, 2010, p. 37-38).

Poemas e músicas têm muito em comum: são materiais autênticos que possuem rima, ritmo e suas palavras permanecem na memória dos leitores e ouvintes. Por serem textos “reais”, ou seja, produzidos para serem declamados e ouvidos pelo público, sem a

preocupação com o uso de linguagem complexa ou inserção de aspectos culturais, quando utilizados de maneira didática, proporciona a união entre o espaço da sala de aula e a realidade do estudante, fator que motiva a aprendizagem da língua estrangeira (HOLDEN; ROGERS, 2001, p. 83).

Ler é uma habilidade individual de aprendizagem de um idioma. Diferentemente de ouvir e falar, que requer a existência de outra pessoa e de escrever, que necessita daquele a quem a escrita está sendo direcionada, a leitura é uma prática pessoal muito útil, pois pode ser levada para fora da sala de aula e fazer parte da vida do estudante. Assim, o papel do professor é conhecer os diferentes tipos de leitura e saber escolher aquelas que são mais relevantes para as aulas de Língua Inglesa (HOLDEN; ROGERS, 2001, p. 64).

Em relação ao ensino de Literatura, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCM) (BRASIL, 2006) afirmam que os professores devem levar para a sala de aula atividades que motivem o aluno a ler, não por obrigação, mas por prazer. Para tanto, estas devem ter alguma finalidade para o jovem, não somente a escolar. Por exemplo, ele deve se reconhecer como leitor e ter espaço para compartilhar suas impressões de leitura com os colegas e os professores. Além disso, textos literários (como poemas, por exemplo) devem ser trabalhados em consonância com outros gêneros com os quais os educandos tenham familiaridade, como letras de músicas e quadrinhos.

Pode-se entender, também, a importância da literatura na construção dos sujeitos por levantar questionamentos acerca de temas transversais tais como: ética, orientação sexual e a pluralidade cultural. Essa atitude além de promover a relação interpessoal entre professor e alunos em um engajamento discursivo, visa à discussão de diferentes pontos de vista, valores, posturas e crenças a respeito da valorização da diversidade étnica e cultural relevantes para a constituição do indivíduo e para entender a sociedade plural em que está inserido (MURCE FILHO, 2014, p. 2017).

O mito, por exemplo, entendido como tradição sagrada ou história verdadeira, ao contrário das lendas, fábulas e contos que, por sua vez, são histórias fictícias, também pode ser levado para a sala de aula de Língua Inglesa enquanto representação poética e narrativa,

assim como manifestação artístico-literária e cultural de um povo. O estilo de Homero, um dos poetas mais importantes da mitologia grega, a saber, foi imitado por todos os escritores de epopeias literárias, como foi o caso de *Beowulf*, primeiro poema épico da literatura inglesa. Portanto, o mito e a literatura estão intrinsecamente ligados (OLIVEIRA, Luiz 2014, p. 13-16).

Em síntese, a literatura pode se integrar ao ensino de língua inglesa sem perda de tempo durante a aula e sem um retorno aos antigos métodos de ensino. O professor precisa entender que tanto a referida arte das letras como a música são constituídas por textos autênticos, ou seja, não são elaboradas com a intenção de instruir a língua estrangeira. Por essa razão, podem ser utilizadas em classe como estratégias motivadoras para a aprendizagem por fazerem parte da realidade do estudante, tornando o ensino da língua-alvo interessante, divertido e de fácil entendimento (HOLDEN; ROGERS, 2001, p. 91-92).

Música enquanto estratégia de ensino para o desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas

O professor de língua estrangeira que trabalha com atividades baseadas em música auxilia os estudantes, em especial, no desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas. Além disso, a utilização delas proporciona a descontração, o divertimento e a quebra da rotina de sala de aula (GOBBI, 2001, p. 79).

No processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, o aprendiz deve ser exposto, primeiramente, às habilidades de compreensão auditiva e oral e, em seguida, às habilidades de leitura e escrita durante o processo de ensino-aprendizagem de um novo idioma. Portanto, o procedimento sequencial de aprendizagem é ouvir, falar, ler e escrever, assim como ocorre na aquisição de língua materna (LEFFA, 1988, p. 222).

Desenvolvimento da habilidade de compreensão auditiva (listening)

Atividades que envolvem música podem desenvolver a compreensão auditiva dos estudantes. São exemplos de técnicas: questões interpretativas acerca da história expressa na canção, ditados parciais de versos da música, anotações de palavras-chave e personagens principais, dar a sequência correta à música ao receber versos desordenados separados em tiras de papel, exercícios de verdadeiro ou falso sobre a letra da música, reforçar a pronúncia de palavras e expressões desconhecidas, trabalhar com rimas, entre outras. Também é válido o ato de cantar para praticar a pronúncia e entonação (GOBBI, 2001, p. 80-81).

Desenvolvimento da habilidade de compreensão oral (speaking)

A música é considerada um elemento impulsionador para a conversação e pode ser aplicada em sala de aula assim como qualquer outro discurso escrito. Por meio dessa estratégia, o educador é capaz de introduzir uma conversação acerca de alguma temática específica ou discutir com os alunos acerca de aspectos sociais e culturais expressos na canção, como opiniões atuais, modismos, valores, história, costumes, acontecimentos, etc. Também os estudantes podem se basear no enredo ou nos personagens da música para dramatizá-la ou recontá-la em forma de piada, por exemplo. No entanto, para colocar em prática tais técnicas, é crucial observar antes o nível da turma que, nesse caso, precisa estar no intermediário ou avançado, devido à necessidade de possuir vocabulário estruturado com a finalidade de relatar fatos, opiniões, comentários assim como também ter o domínio das demais habilidades (ouvir, ler e escrever) (GOBBI, 2001, p. 84-85).

Desenvolvimento da habilidade de leitura (reading)

A leitura da letra da música está relacionada com a literatura. Levando em consideração que muitos cantores são poetas por expressarem seus sentimentos ao público, a canção pode ser trabalhada como a poesia em sala de aula. Assim, pode haver a interpretação da letra da música (considerada mais acessível do que a interpretação da poesia tradicional) e o estudo de rimas ou figuras de linguagem, tais como metáforas, aliterações, personificação,

entre outras (GOBBI, 2001, p. 82-83).

Desenvolvimento da habilidade de escrita (writing)

São exemplos de técnicas que se utilizam da música para desenvolver a habilidade de escrita dos alunos de Língua Inglesa: responder questões gerais, específicas ou interpretativas acerca da letra da música; fazer exercícios gramaticais; expor opiniões, ideias, sentimentos e, até mesmo, a própria interpretação sobre a música; criar novas letras para melodias já conhecidas (favorece a criatividade, o uso de ritmo, rima e ressonância); compor uma música em grupo com base em determinado assunto; criar uma história em quadrinhos para ilustrar o enredo contido na música (para esta tarefa, é necessário utilizar canções narrativas), entre outras (GOBBI, 2001, p. 86).

Considerações finais

Esta pesquisa qualitativa visou apresentar as potencialidades que a música tem enquanto estratégia de ensino-aprendizagem de língua inglesa. Por meio de investigação bibliográfica, abordou a utilização da canção como recurso capaz de motivar a aprendizagem de crianças, adolescentes, adultos e idosos além de proporcionar a reflexão de aspectos sociais e culturais considerados importantes para a formação de estudantes de uma língua estrangeira. Logo após, defendeu que este material pode ser utilizado da mesma forma que a poesia, gênero textual proveniente da literatura, já que ambos são materiais autênticos, ou seja, produzidos por falantes nativos sem a intenção primordial de ensinar a língua. Por fim, apresentou técnicas baseadas em música que são capazes de desenvolver as quatro habilidades comunicativas: ouvir (*listening*), falar (*speaking*), ler (*reading*) e escrever (*writing*), além de ser prova de que é possível trabalhar, através deste material autêntico, gramática, cultura e literatura nas aulas de língua inglesa.

Referências

ANTUNES, Celso. *Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas*.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Fascículo 3. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio*. v. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017.

BROWN, H. Douglas. English Language Teaching in the “Post-Method” Era: Toward Better Diagnosis, Treatment, and Assessment. In: RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology in Language Teaching: An Anthology of Current Practice*. New York: Cambridge, 2002. p. 9-18.

BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella; STARKEY, Hugh. *Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers*. Strasbourg: Council of Europe, 2002.

DONNINI, Livia; PLATERO, Luciana; WEIGEL, Adriana. *Ensino de Língua Inglesa*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

FONSECA, Ana Lúcia Simões Borges. *A imposição do inglês como política linguística: na contramão do plurilinguismo*. 2018. 110 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

GOBBI, Denise. *A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino de língua inglesa*. 2001. 133 f. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Estudos da Linguagem). Universidade de Caxias do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

HOLDEN, Susan; ROGERS, Mickey. *O ensino da língua inglesa*. São Paulo: Special Book Services, 2001.

KAWACHI, Cláudia Jotto. *A música como recurso didático-pedagógico na aula de língua inglesa da rede pública de ensino*. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2008.

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond Methods: Macrostrategies for Language Teaching*. United States of America: Yale University Press, 2003.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 211-236.

LEFFA, Vilson J. *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. 2. ed. Pelotas: EDUCAT, 2007.

LIMA, Diógenes Cândido de. O ensino de língua inglesa e a questão cultural. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LIMA, Luciano Rodrigues. O uso de canções no ensino de inglês como língua estrangeira: a questão cultural. In: MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denise (Org.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 173-192.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida; VALÉRIO, Kátia Modesto. Letramento crítico e ensino comunicativo: lacunas e interseções. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 135-158, 2010.

MURCE FILHO, Newton Freire. Livros ilustrados no ensino de inglês como Língua Estrangeira. In: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SILVA, Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da; FARIA, Vivianne Fleury de (Orgs.). *Veredas escolares: partilhando experiências criativas de ensino e aprendizagem do CEPAE/UFG*. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014. p. 206-215.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo de. *O mito de Inglaterra: anglofilia e anglofobia em Portugal (1386-1986)*. Lisboa: Gradiva, 2014.

PAPERBACK OXFORD ENGLISH DICTIONARY. 7. ed. Great Britain: Oxford University Press, 2012.

PEREIRA, Paula Graciano. Reflexões Críticas sobre o Ensino-Aprendizagem de Inglês como fator de Inclusão ou Exclusão Social. *Brazilian English Language Teaching Journal*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 12-28, jan.-jun. 2015.

PORTO, Maria Augusta Rocha. *Tempo cognitivo e tempo social nas aulas de inglês para a envelhecimento e terceira idade*. São Paulo: Blucher, 2018.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

ROCHA, Cláudia Hilsdorf; BASSO, Edcleia Aparecida. *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.